

# O QUANTIFICADOR *TUDO* NO PB

## *The quantifier “tudo” in Brazilian Portuguese*

Márcia Cançado\*

### 1 INTRODUÇÃO

A pesquisa que descrevemos neste artigo teve início na constatação de um interessante fenômeno no português brasileiro (doravante PB) coloquial. Tal fenômeno consiste em um uso peculiar – porém bastante comum na fala informal das pessoas – da palavra *tudo*. Esse uso peculiar de *tudo* se faz presente em sentenças como:

- (1) Os menino *tudo* leram o livro do Harry Potter.

Uma sentença que exemplifica não esse uso peculiar acima, mas o uso, por assim dizer, “tradicional” de *tudo*, que pode ser traduzido pela expressão *todas as coisas*, é (2a) abaixo. Veja que (2b) é uma paráfrase possível para (2a):

- (2) a. Os meninos comeram *tudo* que havia no prato.  
b. Os meninos comeram *todas as coisas* que havia no prato.<sup>1</sup>

\* UFMG.

<sup>1</sup> A paráfrase não é perfeita, pois *tudo* não dá visibilidade aos átomos da sua restrição; *tudo* é massivo. Já a expressão *todas as coisas* não é massiva, mas contável, pois cada “coisa” pode ser visualizada. Entretanto, para os fins da distinção entre *tudoI* e *tudoQ*, a paráfrase é um bom teste.

Já para as ocorrências peculiares de *tudo* que nos propomos a investigar neste trabalho, a paráfrase com *todas as coisas* não funciona:

- (3) a. Os menino *tudo* leram o livro do Harry Potter.  
b. \* Os menino *todas as coisas* leram o livro do Harry Potter.

A melhor paráfrase para esse uso peculiar da palavra *tudo* parece ser a palavra *todos*:

- (4) a. Os menino *tudo* leram o livro do Harry Potter.  
b. Os meninos *todos* leram o livro do Harry Potter.

Assim, identificamos dois tipos de *tudo*: o *tudo* “tradicional”, que pode ser traduzido pela expressão *todas as coisas* e que chamaremos de agora em diante de *tudoI*, e o *tudo* “peculiar”, típico de um registro bastante informal do PB, que é bem traduzido pela palavra *todos* e que chamaremos de *tudoQ*.

Toda operação de quantificação conta com a presença de um quantificador, uma restrição e um escopo nuclear. *TudoI*, assim como *algum*, é uma expressão complexa, pois abarca numa mesma palavra um quantificador e a restrição da quantificação. *TudoI* e *algum* podem ser parafraseados pelas expressões *todas as coisas* e *alguma pessoa*, respectivamente. *Todas* e *alguma* são quantificadores. *As coisas* e *pessoa* são as restrições de cada uma das operações de quantificação. Por outro lado, *tudoQ* e *todo* não são expressões complexas, mas quantificadores puros, pois não contêm uma restrição inerente. Uma sentença quantificada com *tudoQ* ou *todo* tem de ter explicitada a restrição da quantificação, pois ela não é inerente ao sentido dos quantificadores. Na sentença *Os menino tudo leram o livro do Harry Potter*, temos não o quantificador *tudoI*, que contém uma restrição inerente, mas *tudoQ*, um quantificador puro que necessita de uma restrição explicitada na sentença (*os menino*).

O fenômeno que analisaremos neste trabalho, portanto, é *tudoQ*, que parece ser o resultado da perda da restrição inerente da expressão complexa *tudoI*, tornando-se um quantificador puro, sem restrição inerente. Acreditamos ser esse um fenômeno de variação, quiçá uma mudança no sistema

de quantificadores do PB.<sup>2</sup> Entretanto, neste trabalho, nos propomos a descrever aspectos mais internos do fenômeno: alguns dos ambientes sintáticos e semânticos nos quais o quantificador *tudoQ* ocorre. Este trabalho é, pois, uma descrição internalista, não variacionista ou pragmática.

Para encerrar esta introdução, vale afirmar que este é um trabalho de objetivos descritivos. Queremos apresentar e descrever os aspectos internos do quantificador *tudoQ* e buscamos também responder à seguinte questão: o quantificador *tudoQ* é apenas uma variação do quantificador *todo* ou é um quantificador diferente de *todo* (por realizar uma operação diferente de quantificação, por ocorrer em ambientes sintáticos e semânticos particulares etc.)?

Na seção 2, apresentamos as diversas ocorrências de *tudoQ* que pudemos coletar para nosso *corpus*. Na seção 3, mostramos a análise que desenvolvemos de aspectos sintáticos e semânticos do quantificador *tudoQ*. Por fim, na seção 4, concluímos mostrando os objetivos atingidos.

## 2 AS OCORRÊNCIAS DE *TUDOQ*

Os dados de *tudoQ* de que dispomos integram sentenças que foram coletadas espontaneamente no dia-a-dia, na comunicação oral de contextos mais informais do PB. Dispomos, pois, de um *corpus*<sup>3</sup> de cerca de setenta sentenças com ocorrências diversas de *tudoQ* e também de uma lista de sentenças construídas a partir da intuição do falante, para compor testes de gramaticalidade e aceitabilidade.

Parece não haver ainda trabalhos de pesquisa de cunho formal que tratem do fenômeno do *tudoQ* no PB. Este é, portanto, um trabalho original. Como todo trabalho que verse sobre um fenômeno ainda não tratado, não dispomos de bibliografia específica sobre o tema. Contudo, na vasta literatura da semântica formal, há inúmeros trabalhos sobre quantificação. Mais especificamente, há alguns trabalhos sobre o PB que discorrem sobre o quantificador *todo*, por nós identificado como a melhor paráfrase para *tudoQ*. A partir do que se diz sobre *todo*, procederemos a uma confrontação dos nossos dados de *tudoQ* com as análises de *todo*, a fim de identificar as semelhanças e diferenças entre os dois quantificadores.

<sup>2</sup> Apesar de afirmar ser *tudoQ* um fenômeno de variação ou uma mudança em progresso, não estamos dizendo que a emergência de *tudoQ* se dá com o desaparecimento de *todo*. As duas formas não estão em concorrência, pois aparecem em contextos bem diferentes; elas de fato co-ocorrem.

<sup>3</sup> Esse *corpus* completo se encontra na página: <<http://www.letras.ufmg.br/nupes/teses>>.

Dentre os trabalhos que encontramos, a dissertação de Gomes (2004) oferece uma análise mais aprofundada sobre o quantificador *todo*. Gomes identifica três tipos de ocorrências de *todo*: *todo* mais um nome nu, constituindo sintagmas como *Todo homem*, chamados de TN; *todo* mais um DP singular, constituindo sintagmas como *Todo o homem*, chamados de TDPs; e *todo* mais um DP plural, constituindo sintagmas como *Todos os homens*, chamados de TDPP. Para a autora, não há três quantificadores, mas apenas um, que difere de acordo com o material escolhido para ser sua restrição. Essa diferenciação, entretanto, não interfere no sentido de *todo* nem na operação realizada por ele: “*todo* faz a mesma operação básica de quantificação em qualquer um dos três sintagmas quantificados por ele introduzidos: acumular e distribuir” (GOMES, 2004, p. 24).

## 2.1 PERDA DA FLEXÃO

Dentre os três tipos de *todo* identificados por Gomes, o que mais se aproxima de *tudoQ* é TDPP. *TudoQ*, assim como *todo* em TDPP, também possui como sua restrição um DP plural. Observemos as sentenças (5a) e (6a), extraídas do nosso *corpus*, e as sentenças (5b) e (6b), correspondentes às paráfrases com TDPP:

- (5) a. Os cara tudo assiste o programa.
- b. Os caras todos assistem o programa.
- (6) a. Ele fala as coisa tudo assim.
- b. Ele fala as coisas todas assim.

Tanto *tudoQ* quanto *todo*, em (5a) e em (5b), respectivamente, atuam sobre um DP plural, *os caras*. Em (6a) e (6b), o DP sobre o qual atuam os quantificadores é também plural, *as coisas*. Contudo, nas versões com *tudoQ*, a marcação do plural no DP se dá somente no determinante (*os cara tudo* e *as coisa tudo*). Esse é um fenômeno já bastante estudado do PB: a queda das marcações de plural. Em contextos orais informais, a marcação do plural em um DP se dá somente sobre o determinante, não sobre nomes e adjetivos. Um DP plural, que em um contexto formal teria todos os seus elementos marcados com a flexão plural, como em *as camisas brancas*, em um contexto oral informal tem apenas o determinante marcado, como em *as camisa branca*. É justamente nesse contexto oral informal que ocorre *tu-*

*doQ*, sempre quantificando um DP cuja marcação de plural incide somente sobre o determinante.

O mesmo fenômeno da queda das marcações de plural no PB se faz presente no verbo das sentenças em que ocorre *tudoQ*. Várias sentenças do nosso *corpus* apresentam verbos sem flexão de plural, como em (7) e (8) abaixo:

- (7) Os lote tudo era barato.
- (8) Os dente dele caiu tudo.

Os sujeitos das sentenças acima são DPs plurais, apesar de, o sujeito apresentar sua marcação de plural somente sobre o determinante. Sendo plural o sujeito, o verbo da sentença também deve ser plural. Entretanto, ocorre em contextos informais do PB que o verbo não concorde com a flexão de plural do sujeito. Em um contexto formal, uma sentença plural necessita que todos os elementos do DP sujeito (determinante, nome, adjetivo e quantificador) sejam flexionados, bem como o verbo da sentença, que precisa concordar em número com o sujeito. Assim é a sentença em (9):

- (9) **As camisas brancas todas sujaram.**

Já nas sentenças de contextos orais informais nas quais ocorre *tudoQ*, apenas o determinante é flexionado dentro do DP sujeito plural e o verbo pode não apresentar a flexão de plural. Atentemos para o que foi dito: o verbo **pode** não flexionar, os elementos do DP plural não flexionam, exceto o determinante, que **sempre** flexiona. Vejamos a sentença em (10), que exemplifica como se dá a marcação de plural numa sentença contendo *tudoQ*:

- (12) **As camisa branca tudo sujou/sujaram.**

## 2.2 POSIÇÕES SINTÁTICAS DE *TUDOQ*

Uma outra peculiaridade é que *tudoQ* pode ocorrer em sintagmas que ocupam posições diversificadas numa sentença. Observemos ocorrências de *tudoQ* em sintagma ocupando a posição de sujeito de uma sentença:

- (18) As menina tudo usa saia curtinha.
- (19) Os menino corria tudo em volta da casa.

Em sintagma ocupando a posição de objeto de uma sentença:

- (20) Eu fui e fiz as coisa tudo.
- (21) Eu dava os caderno tudo pra professora.
- (22) Não sei como vou deixar meus menino tudo aí.

Em sintagma ocupando a posição de adjunto de uma sentença:

- (23) Vou ter que voltar com as folha tudo para casa.
- (24) Ele sabia sobre as treta tudo.

Em sintagma ocupando a posição de predicativo de uma sentença:

- (25) As mesa lá estava tudo agarrada.
- (26) Meus arquivo estão tudo com ele.
- (27) Falaram que vocês são tudo gente boa.

Dissemos que *tudoQ* ocupa posição de predicativo simplesmente pelo fato de o quantificador se encontrar após o verbo de ligação. Mas há também ocorrências de sentenças predicativas nas quais *tudoQ* está presente no material à esquerda do verbo de ligação, como na sentença (28) abaixo:

- (28) Os caminhão tudo estão no acostamento.

Também nos exemplos (18) e (19) acima, em que *tudoQ* quantifica o sujeito de sentenças com verbos que não os de ligação, o quantificador pode aparecer tanto no DP que antecede o verbo, como na sentença (18), quanto logo após o verbo, como na sentença (19). *TudoQ*, quando quantifica um DP sujeito, pode também ocorrer em outros lugares da sentença (como entre o objeto direto e o adjunto do verbo), e isso se deve a um fenômeno, já

bastante estudado na literatura da Semântica Formal, chamado “flutuação de quantificadores”. Adiante discutiremos mais a fundo esse fenômeno aplicado a *tudoQ*.

Outro tipo comum de ocorrência de *tudoQ* é em sentenças sem verbo, em geral sentenças que constituem respostas de perguntas ou descrições. Observe o seguinte diálogo, do qual algumas dessas sentenças foram a resposta:

- (29) Pergunta: Como é que estava a festa ontem?  
 (30) Resposta: Estava péssima: os garçom tudo com cara ruim, as menina tudo feia, os cara tudo dobrado...

Esse tipo de ocorrência de *tudoQ* parece ser uma versão sem verbo da sentença predicativa. Sabe-se que o verbo de ligação é quase vazio de significado, servindo, como seu próprio nome explica, apenas como uma ligação entre um nome e um adjetivo, ou entre dois sintagmas nominais etc. Por isso, supomos que o verbo de ligação pode ser omitido, como nas sentenças descriptivas coloquiais com *tudoQ*,

### 2.3 SENTENÇAS GENÉRICAS

Há ainda um último tipo de sentença bastante peculiar em que *tudoQ* ocorre. São sentenças genéricas, como em (31), (32) e (33) abaixo:

- (31) Cachorro é tudo bonzinho.  
 (32) Coração de mãe é tudo grande.  
 (33) Homem é tudo igual.

Essas sentenças se diferem de todas as outras sentenças de nosso *corpus*, pois o *tudoQ* aqui não quantifica um DP plural, mas um nome nu. *Cachorro*, *coração de mãe* e *homem* são nominais nus, ou “bare nominals”. Possíveis paráfrases das sentenças acima mostradas são:

- (34) Todo cachorro é bonzinho.  
 (35) Todo coração de mãe é grande.  
 (36) Todo homem é igual.

As sentenças de (31) a (33), portanto, retomando a classificação de Gomes (2004), não se assemelham às sentenças contendo *todo* em um sintagma do tipo TDPp (em que *todo* quantifica um DP plural), mas às sentenças contendo *todo* em um sintagma do tipo TN (em que *todo* quantifica um nominal nu). Todas as sentenças de nosso *corpus* que apresentamos anteriormente nesta seção têm como paráphrase sentenças contendo um sintagma do tipo TDPp. As sentenças de (31) a (33), entretanto, são diferentes das demais sentenças com *tudoQ* tanto sintática quanto semanticamente. Temos, portanto, dois tipos de *tudoQ*: um tipo que quantifica um DP plural e tem como paráphrase TDPp, e outro que quantifica um nominal nu e tem como paráphrase TN. Chamaremos o primeiro de “*tudoQ* existencial” e o segundo de “*tudoQ* genérico”. Na seção seguinte, explicaremos o porquê de tal nomeação e forneceremos uma descrição tanto sintática quanto semântica da quantificação realizada pelos dois tipos de *tudoQ*.

### 3 ANÁLISE DOS DADOS

#### 3.1 ASPECTOS SINTÁTICOS DE *TUDOQ*

Um aspecto sintático de *tudoQ* interessante para se descrever é a flutuação. A flutuação de quantificadores é um fenômeno já bastante estudado na literatura de Semântica Formal. Alguns quantificadores apresentam uma característica peculiar de poderem se movimentar quase livremente pela sentença, ou “flutuar”. O quantificador *todo*, quando opera sobre um DP plural, pode flutuar. Semelhantemente, *tudoQ* existencial também pode flutuar. Observemos abaixo como *tudoQ* pode de fato ocorrer em lugares diversos numa sentença, sempre atuando sobre o DP plural que ocupa a posição de sujeito:<sup>4</sup>

- (44) a. As menina **tudo** foram pro Rio de avião.
- b. As menina foram **tudo** pro Rio de avião.
- c. As menina foram pro Rio **tudo** de avião.

<sup>4</sup> A flutuação só pode ocorrer quando há quantificação sobre o sintagma que ocupa a posição de sujeito. Se o sintagma quantificado é, por exemplo, o objeto do verbo da sentença, nunca haverá flutuação. Em \**Eu comi os bolo imediatamente todos*, temos que o sintagma quantificado é objeto do verbo e o quantificador está após o adjunto da sentença, tornando-a totalmente agramatical.

As paráfrases com *todo* são perfeitas:

- (45) a. As menina **todas** foram pro Rio de avião.  
 b. As menina foram **todas** pro Rio de avião.  
 c. As menina foram pro Rio **todas** de avião.

Entretanto, há apenas um caso em que *tudoQ* não se comporta como *todo* no quesito flutuação. *TudoQ* nunca pode encabeçar um DP:

- (46) a. Todas as meninas foram pro Rio de avião.  
 b. \*Tudo as menina foram pro Rio de avião.

Aqui, mais uma vez, aparece a questão do fenômeno de queda das marcações de plural no PB. Como já dissemos, nos registros coloquiais do PB em que ocorre o fenômeno de queda de flexões plurais, geralmente apenas um elemento do sintagma nominal é flexionado. Quando se trata de um DP, é apenas o determinante que indica ser plural o sintagma. O que vale dizer é que o elemento que se encontra mais à esquerda é que carrega a flexão de número. Parece não ser possível o caso de o elemento que traz a flexão se encontrar à direita de um elemento não flexionado. Assim, os sintagmas em (47) são agramaticais:

- (47) a. \*A meninas branquela feliz  
 b. \*A menina branquelas feliz  
 c. \*A menina branquela felizes

Mas é gramatical o sintagma em (48):

- (48) **As** menina branquela feliz.

*TudoQ* é invariável, não sendo possível flexioná-lo nem em gênero nem em número. Por isso, ele não pode ocorrer precedendo o artigo, que é o único elemento do sintagma que carrega a flexão plural. O elemento marcador de plural deve sempre vir à esquerda dos elementos não marcados. Com

*todo* pertencente a um sintagma TDPp, essa restrição não é um problema, pois todos os elementos do sintagma em que ele participa são flexionados, uma vez que os sintagmas TDPp integram um registro mais alto, em que o fenômeno de queda dos plurais não ocorre. Delineamos, assim, uma diferenciação sintática bastante significativa entre *tudoQ* existencial e *todo* “TDPp”: *tudoQ* existencial nunca pode encabeçar um DP, ao passo que esse é um lugar sintático muito comum para a ocorrência de *todo* “TDPp”.

A seguir, tentaremos descrever a extensão da flutuação do nosso *tudoQ* existencial, mostrando testes sintáticos com verbos de diferentes transitividades e diferentes ocorrências de adjuntos e complementos. Muitas vezes as diferenciações que buscamos se tornam extremamente sutis e não são unâimes entre os falantes. Por isso, deixamos algumas interrogações no ar, lembrando que aqui não nos interessa defender uma proposta teórica específica, mas apenas descrever nosso objeto tanto quanto possível; as questões sem solução engordam a descrição do *tudoQ* como um fenômeno bastante complexo.

Em sentenças com verbos transitivos diretos,<sup>5</sup> temos que *tudoQ* ocorre sem problemas junto ao DP que ele quantifica:

- (49) a. Os menino **tudo** viram o filme.
- b. Os menino **tudo** comeram o bolo.
- c. Os menino **tudo** escreve email.

Essa posição junto ao DP (sempre como o elemento mais à direita do sintagma) poderia ser considerada como a “posição canônica” do *tudoQ* existencial. Quando *tudoQ* existencial aparece em sintagmas que não ocupam a posição sujeito da sentença, ou seja, quando *tudoQ* existencial não pode flutuar, ele sempre está junto ao DP que quantifica, e sempre é o elemento mais à direita desse DP. As sentenças em (49) explicitam, pois, a posição canônica de *tudoQ*. Ocorrências de *tudoQ* em outras posições da sentença constituirão casos de flutuação.

<sup>5</sup> Para não entrarmos em questões que fogem aos objetivos do nosso trabalho, usaremos a nomenclatura gramatical tradicional para classificar os verbos. Verbos transitivos diretos serão aqueles que vêm sucedidos de complemento sem preposição. Verbos transitivos indiretos têm como complemento um sintagma preposicionado. Verbos transitivos diretos e indiretos são os tradicionais *dar*, *colocar*, *pôr* etc., cujos complementos são um sintagma não preposicionado e um sintagma preposicionado. Os intransitivos não “pedem” complemento. Ainda, incluímos nessa divisão os verbos de ligação como *ser* e *estar*.

A flutuação de *tudoQ* para a posição entre o verbo transitivo direto e o objeto direto parece constituir uma sentença estranha, talvez não de todo agramatical, mas que requer uma entonação bastante forçada para ser entendida:

- (50) a. ?Os menino viram **tudo** o filme.
- b. ?Os menino comeram **tudo** o bolo.
- c. ?Os menino escreve **tudo** email.

A mesma flutuação em sentenças com o verbo *ter*, porém, não parece criar essa sensação de estranheza. As sentenças em (51) parecem mais aceitáveis que em (50):

- (51) a. Os menino tinham **tudo** carro importado.
- b. Nós temos **tudo** cabelo loiro.

Talvez a diferença entre as sentenças com *ter* e as sentenças com os demais verbos transitivos diretos tenha a ver com a hipótese de *ter* ser um verbo leve (VIOTTI, 2003). Diferentemente de *ver*, *comer* e *escrever*, *ter* parece permitir que o quantificador flutue para a posição entre o verbo e o objeto. Não entraremos a fundo nessa discussão sobre verbos leves, mas vale registrar em nossa descrição a curiosa possibilidade de ocorrência de sentenças como (51).

Já se *tudoQ* flutuar para uma posição após o objeto direto, as sentenças serão definitivamente agramaticais (atenção para o fato de estamos testando a interpretação do quantificador flutuante que opera sempre sobre o sintagma sujeito, não sobre outro sintagma da sentença):

- (52) a. \*Os menino viram o filme **tudo**.
- b. \*Os menino comeram o bolo **tudo**.
- c. \*Os menino escreve email **tudo**.

Curiosamente, porém, *tudoQ* pode ocorrer após o objeto direto dessas mesmas sentenças, contanto que haja um adjunto:

- (53) a. Os menino viram o filme **tudo** no sofá.  
b. Os menino comeram o bolo **tudo** com colherzinha.  
c. Os menino escreve email **tudo** de manhã.

O mesmo observamos com verbos transitivos indiretos: *tudoQ* não pode suceder o objeto indireto, a menos que após *tudoQ* ocorra um adjunto da sentença. As sentenças em (54) são agramaticais, mas se tornam gramaticais em (55), com a ocorrência de adjuntos sentenciais:

- (54) a. \*Eles olharam pra lá **tudo**.  
b. \*Eles moram em BH **tudo**.  
(55) a. Eles olharam pra lá **tudo** de binóculos.  
b. Eles moram em BH **tudo** com os pais.

Em outro ponto, os verbos transitivos indiretos diferem dos transitivos diretos na questão da flutuação de *tudoQ*. O quantificador pode tranquilamente flutuar para a posição entre o verbo e o objeto indireto, sem que seja necessária uma entonação forçada para tornar a sentença mais aceitável:

- (56) a. Eles olharam **tudo** pras menina. (objeto indireto)  
b. Eles moram **tudo** em BH. (objeto indireto)  
(57) a. ?Eles viram **tudo** as menina. (objeto direto)  
b. ?Eles amam **tudo** BH. (objeto direto)

O objeto preposicionado parece aceitar com facilidade que um elemento (o quantificador) o distancie do verbo, como mostramos nas sentenças em (56). Já o objeto não preposicionado não aceita ou aceita com muita dificuldade a sua separação do verbo por um elemento, como mostramos nas sentenças em (57) e (50) acima.

Vejamos em (58) abaixo sentenças com verbo transitivo direto e indireto contendo o quantificador *tudoQ* na sua posição canônica (sem flutuação):

- (58) a. Os menino **tudo** deram presente pra namorada.  
 b. Os menino **tudo** põe gasolina no carro.

Parece ser possível a flutuação do *tudoQ* para a posição entre o verbo e o seu primeiro complemento, o objeto direto. Talvez aqui também seja necessária uma entonação mais forçada:

- (59) a. Os menino deram **tudo** presente pra namorada.  
 b. Os menino põe **tudo** gasolina no carro.

Mas é impossível haver flutuação para a posição entre o primeiro e o segundo complementos verbais, entre o objeto direto e o objeto indireto:

- (60) a. \*Os menino deram presente **tudo** pra namorada.  
 b. \*Os menino põe gasolina **tudo** no carro.

Também, como acontece com verbos transitivos diretos e transitivos indiretos, *tudoQ* não pode ocorrer após os objetos do verbo transitivo direto e indireto:

- (61) a. \*Os menino deram presente pra namorada **tudo**.  
 b. \*Os menino põe gasolina no carro **tudo**.

Mais uma vez, adicionando-se um adjunto, as sentenças se tornam gramaticais:

- (62) a. Os menino deram presente pra namorada **tudo** sorrindo.  
 b. Os menino põe gasolina no carro **tudo** com pressa.

Em sentenças com verbos intransitivos, a intuição não é certeira, tornando difícil a generalização a respeito da flutuação de *tudoQ*. Veja que as sentenças em (63) são estranhas, ao passo que as sentenças em (64) são

mais aceitáveis (em todas essas sentenças testamos a flutuação do *tudoQ* para a posição após o verbo intransitivo):

- (63) a. ?Os menino correu **tudo**.
- b. ?Os menino cantou **tudo**.
- (64) a. Os menino chegou **tudo**.
- b. Os menino morreu **tudo**.

Uma hipótese que podemos levantar é a de que os verbos em (63) são verdadeiramente intransitivos, mas os verbos em (64) são inacusativos. Na literatura, já foi mostrado que intransitivos e inacusativos têm comportamento semântico e sintático diferentes.<sup>6</sup> Talvez essa diferença de comportamento faça com que os inacusativos aceitem e os intransitivos não aceitem a flutuação pós-verbal do *tudoQ*.

As sentenças com verbo de ligação aceitam sem problemas que *tudoQ* flutue para a posição entre o verbo e o predicativo. Essa posição é tão gramatical quanto a posição canônica. Compare a gramaticalidade das sentenças em (65), com o quantificador na sua posição canônica, e em (66), com *tudoQ* flutuando:

- (65) a. Os cara **tudo** foram covarde.
- b. Aquelas menina **tudo** andam cansada.
- (66) a. Os cara foram **tudo** covarde.
- b. Aquelas menina andam **tudo** cansada.

Lembramos que só se pode falar em flutuação quando se trata do *tudoQ* que quantifica um DP plural – o *tudoQ* “existencial”. Quando *tudoQ* quantifica um nominal nu – *tudoQ* “genérico” –, não é possível haver flutuação. A mesma análise que faz Gomes (2004) do sintagma TN (*tudo* + nominal nu) podemos aplicar ao *tudoQ* genérico. Diz Gomes: “A flutuação de *tudo* só pode ocorrer se ele estiver ligado a um DP” (p. 29). Assim, estando ligado a um nome nu, não a um DP, o quantificador não pode flutuar. Ambos os quantificadores *tudo* (num sintagma TN) e *tudoQ* genérico estão presos em uma posição específica na sentença. Mas é curioso o fato de *tudo*

<sup>6</sup> Ver Ciríaco; Cançado (2006) para a discussão sobre a inacusatividade no PB.

estar preso na posição anterior ao nome nu, enquanto *tudoQ* genérico está preso na posição pós-verbal:

- (67) a. **Toda** mulher é chorona. / \*Mulher é **toda** chorona.<sup>7</sup>  
 b. Mulher é **tudo** chorona. / \***Tudo** mulher é chorona.

### 3.2 ASPECTOS SEMÂNTICOS DE *TUDOQ*

#### 3.2.1 Tipos de predicado

Em sua descrição sobre a distribuição e a denotação de *todo*, Gomes (2004) analisa os tipos de predicado nos quais os três sintagmas contendo *todo* (TDPp, TDPs e TN) ocorrem. A autora encontra uma generalização sobre as diversas possibilidades de predicados para as três ocorrências de *todo*: os predicados que têm como sujeito<sup>8</sup> sintagmas TDPp, TDPs ou TN são sempre predicados cumulativos. O predicado cumulativo é aquele que pode ser “verdadeiro das partes mínimas do sujeito” (p. 24), que pode “ser distribuído pelos constituintes internos da coletividade denotada pelo sujeito” (p. 25). Assim é que um predicado coletivo não aceita como sujeito um sintagma contendo *todo*:

- (68) \*Todos os alunos lotaram um auditório.

O predicado *lotaram o auditório* é coletivo, não cumulativo. Esse predicado diz que o auditório foi lotado pela massa, ou grupo de alunos, não podendo ser verdadeiro de cada parte mínima do conjunto. Não é o fato que cada aluno do grupo de alunos lotou o auditório individualmente. *Todo* exige que o predicado seja distribuído por cada unidade do sujeito. Por isso é que a sentença em (69) abaixo é gramatical:

- (69) Todos os alunos chegaram ao auditório.

<sup>7</sup> Essa sentença poderia ser considerada gramatical, mas para isso teríamos de interpretar *todo* como um intensificador do adjetivo *chorona*, e não como um quantificador do nome nu.

<sup>8</sup> A autora também analisa ocorrência de sintagmas contendo *todo* em posições de objeto ou adjunto. Aqui, porém, trataremos somente da relação entre *todo* em um sintagma sujeito e seus predicados.

O predicado *chegaram ao auditório* não é coletivo, podendo ser distribuído pelos membros do conjunto denotado pelo sujeito; é um predicado cumulativo. Cada aluno do grupo de alunos chegou ao auditório, individualmente. *Chegaram ao auditório* é um predicado plural atômico e por isso pode ocorrer junto a TDPP. Um predicado plural atômico é cumulativo.

Gomes argumenta, por outro lado, que um predicado como *chegou ao auditório* não é aceito junto a nenhuma das três ocorrências de *todo*. Nem mesmo TN:

(70) \*Todo aluno chegou ao auditório.

*Chegou ao auditório* não funciona junto a TN, pois não é um predicado verdadeiro das partes mínimas da denotação do sujeito. A denotação de *todo aluno* é o grupo formado por todos os alunos existentes e não existentes, em qualquer ponto no espaço-tempo (veremos mais a fundo a denotação desses sintagmas quantificados no tópico 3.2.2). Assim é a denotação do sintagma TN. Contudo, *chegou ao auditório* seleciona apenas os indivíduos passados do conjunto “alunos”. Esse predicado não é verdadeiro das partes mínimas do sujeito *todo aluno*, pois há indivíduos do conjunto *todo aluno* que pertencem a tempos futuros, presentes e passados, não apenas passados. Para Gomes, *chegou ao auditório* não é, portanto, um predicado cumulativo.

Se, por outro lado, o verbo *chegar* estiver conjugado no presente do indicativo, a sentença não é mais agramatical:

(71) Todo aluno chega ao auditório.

O presente do indicativo é genérico, podendo ser distribuído pelas partes mínimas da denotação genérica de TN. *Chega ao auditório* vale para qualquer indivíduo de qualquer ponto espaço-temporal do grupo “alunos”. É, portanto, um predicado cumulativo.

Resumindo o que foi dito acima com base no trabalho de Gomes, um sintagma sujeito que contém *todo* só ocorre junto a um predicado cumulativo. Para o sintagma TDPP, essa exigência de cumulatividade é suprida por um predicado plural atômico. Para o sintagma TN, a cumulatividade aparece em um predicado genérico incontável.

*TudoQ*, em posição de sujeito, mantém sua semelhança com *todo*, também só podendo ocorrer junto a um predicado cumulativo. Assim é que *tudoQ* também não aceita um predicado coletivo:

- (72) \*Os aluno tudo lotaram o auditório.

Como *todo* TDPP, *tudoQ* existencial também ocorre com predicados plurais contáveis:

- (73) Os aluno tudo chegaram ao auditório.

Entretanto, à diferença de *todo*, *tudoQ* aceita um predicado contável singular como *chegou ao auditório*, pois, como vimos anteriormente, os verbos de sentenças contendo *tudoQ* existencial podem ou não se encontrar flexionados no plural:

- (74) Os aluno tudo chegou ao auditório.

Apesar de o verbo *chegar* não conter a flexão plural explicitamente marcada em sua morfologia, seu sentido é de plural. Apesar da queda das marcações de plural, vimos que o sentido de plural é preservado em sentenças coloquiais como (74). Assim, o predicado *chegou ao auditório*, em (74), continua sendo um predicado cumulativo. A diferença é que seu sentido de plural não está explicitamente marcado na morfologia do verbo, como está em (73). *Chegou ao auditório* é um predicado singular atômico, mas com sentido plural.

Também há semelhança entre *tudoQ* genérico e *todo* TN quanto à seleção de um tipo de predicado. *TudoQ* genérico também ocorre junto a um tipo de predicado cumulativo chamado genérico. O verbo da sentença contendo *tudoQ* genérico também tem de estar no presente do indicativo. Contudo, parece que *tudoQ* genérico só pode ocorrer em sentenças com verbos de ligação. Veja abaixo como a paráfrase entre TN e *tudoQ* genérico só ocorre em sentenças com verbos de ligação. Vejamos sentenças com TN:

- (75) a. Toda mulher é chorona. (verbo de ligação)  
b. Todo aluno chega tarde. (verbo intransitivo)

Vejamos, agora, as respectivas paráfrases com *tudoQ* genérico:

- (76) a. Mulher é tudo chorona.  
b. \*Aluno chega tudo tarde.

Assim, o tipo de predicado junto ao qual *tudoQ* genérico pode ocorrer é bastante específico: deve ser um predicado cumulativo, mais especificamente, um predicado genérico, e mais especificamente ainda, um predicado genérico com verbo de ligação.

Resumindo, um sintagma sujeito contendo *tudoQ*, assim como TDPp e TN, só pode ocorrer junto a predicados cumulativos. Entretanto, há algumas especificidades da cumulatividade exigida por *tudoQ* em relação à cumulatividade exigida por *todo*. Para *tudoQ* existencial, a cumulatividade se faz presente em um predicado plural atômico ou singular atômico com sentido plural (que se insere no fenômeno de queda das marcações de plural no PB). Para *tudoQ* genérico, a cumulatividade deve ser expressa por um predicado genérico com verbo de ligação.

### 3.2.2 Denotação de *tudoQ*

Também partiremos da análise de Gomes (2004) sobre *todo* para tratar da denotação do nosso *tudoQ*. Gomes explica que *todo*, em qualquer uma de suas aparições – TN, TDPs e TDPp –, é sempre um marcador de grau absoluto da denotação da sua restrição. Assim, num sintagma TN, a função de *todo* é marcar o grau absoluto da denotação do nome nu e, num sintagma TDPp, sua função é de marcar o grau absoluto da denotação do DP plural.

Um nome nu, como *mulher*, denota de maneira massiva os indivíduos que são mulheres em qualquer tempo e em qualquer espaço. Quando *todo* aplica-se a um nome nu, temos que a denotação desse nome nu é elevada ao seu grau máximo, não permitindo exceções. Assim, o sintagma *toda mulher* denota todos os indivíduos que são, foram e serão mulheres, em qualquer ponto espaço-temporal. Por isso, um sintagma do tipo TN não tem pressuposição de existência: sua denotação se amplia desde os indivíduos que existem até os indivíduos que já não existem mais ou que ainda não existiram.

É exatamente essa mesma operação que *tudoQ* realiza sobre um nome nu em sentenças como (76) abaixo:

(76) Mulher é tudo chorona.

*TudoQ* eleva a denotação do nome nu *mulher* ao seu grau máximo, denotando, sem exceções, todas as mulheres existentes e não existentes. Assim como TN, *tudoQ*, em sentenças como (76), não tem pressuposição de existência. Por essas razões é que TN e *tudoQ* genérico só podem participar de sentenças que tenham predicados genéricos, como vimos em 3.2.1. Qualquer outro tipo de predicado dirá algo sobre o sujeito em algum ponto no tempo, mas o sujeito TN e o sujeito quantificado por *tudoQ* genérico<sup>9</sup> denotam um grupo de indivíduos presentes em todo e qualquer ponto no tempo.

Já em um sintagma do tipo TDPp, *todo* realiza a marcação de grau absoluto da denotação de um DP plural. Um DP plural é uma descrição definida plural. E toda descrição definida plural, como explica Gomes, tem potencial de referência, ou seja, pode referir-se a certo grupo de indivíduos no mundo. O que dá à denotação do sintagma esse potencial de referência é o determinante. A presença do determinante num sintagma é o que determina a chamada “ancoragem dêitica”, de acordo com Gomes (2004, p. 28), responsável pela pressuposição de existência. Assim, a denotação de um DP plural, como *as mulheres*, é o conjunto dos indivíduos mulheres que existem, existiram ou existirão em algum ponto espaço-temporal. *Todo*, quando aplicado ao DP plural, marca o grau absoluto de sua denotação, não permitindo exceções. Um sintagma TDPp terá sempre pressuposição de existência.<sup>10</sup>

*TudoQ* existencial realiza a mesma operação sobre sua restrição, um DP plural, tendo sempre pressuposição de existência. Em (77) e (78) abaixo, mostramos um artifício que criamos para testar a pressuposição de existência em sentenças contendo *tudoQ*. Partimos da idéia de que, se for verdade que certo grupo de indivíduos não existe, a sentença com pressuposição de existência se tornará contraditória, ao passo que a sentença sem essa pressuposição não será contraditória:

<sup>9</sup> *Todo* mais o nome nu forma um sintagma, TN. Mas não podemos dizer que haja um sintagma formado pelo nome nu mais o quantificador *tudoQ* genérico, pois estes ocorrem sempre separados pelo verbo de ligação.

<sup>10</sup> Gomes (2004) cita, no entanto, alguns raros exemplos de sentenças contendo TDPp que não apresentam pressuposição de existência, como em *Perante a lei, todos os filhos têm os mesmos direitos, quer sejam ou não legítimos*.

- (77) a. As menina tudo são chorona.  
 b. Não existem meninas.
- (78) a. Menina é tudo chorona.  
 b. Não existem meninas.

As sentenças (77a) e (77b) são contraditórias, pois denotam duas situações impossíveis de acontecer ao mesmo tempo. Assim, em (77a), o sintagma *as menina tudo* denota um grupo de meninas que se pressupõe existirem, sendo que as situações descritas em (a) e em (b) não podem ocorrer. Já em (78), não há contradição, pois (78a) não pressupõe existência, veiculando apenas a seguinte informação: se existirem meninas, elas serão choronas.

Assim, delineamos precisamente a diferença semântica entre as sentenças contendo *tudoQ* existencial e as sentenças contendo *tudoQ* genérico: as primeiras têm importe existencial e as segundas, não. Com essa diferenciação, também explicamos o porquê dos nomes “existencial” e “genérico” para os dois tipos de ocorrência de *tudoQ*: *tudoQ* é existencial quando quantifica um DP plural, pois este veicula pressuposição de existência; *tudoQ* é genérico quando quantifica um nome nu, pois este não veicula pressuposição de existência e ocorre somente em sentenças genéricas. Recorremos, mais uma vez, ao trabalho de Gomes, que associa a TN o operador GEN, que traduz o sentido de genericidade da sentença, e a TDPp, o operador \$, que traduz em forma lógica o importe existencial das sentenças. Da mesma maneira, justificamos os nomes “*tudoQ* genérico” e “*tudoQ* existencial” pela presença dos operadores GEN e \$, respectivamente, nas possíveis formas lógicas de sentenças contendo os quantificadores.

Vale ainda ressaltar que os nomes “existencial” e “genérico” servem para esclarecer o tipo de ocorrência de *tudoQ* de que estamos tratando. Não entendemos, com essa diferente nomeação, propor que existam dois diferentes quantificadores. Assim como Gomes (2004) propõe que há apenas um *todo*, também acreditamos haver apenas um *tudoQ*. Para Gomes, o que muda nas três ocorrências do *todo* é apenas o tipo de material presente na restrição da quantificação (ora um nome nu, ora um DP singular, ora um DP plural); *todo*, no entanto, sempre seleciona cumulatividade, variando apenas o tipo de cumulatividade. Por isso, diz a autora: “Diante dessa constância do quantificador, não há motivação para propor que existam duas ou três diferentes entradas lexicais” (p. 24). O que varia em sentenças contendo *tudoQ* também é apenas o material na restrição da quantificação (ora um nome nu, ora um DP plural). *TudoQ* também realiza uma mesma opera-

ção em suas duas ocorrências. Discutiremos, na próxima seção, que operação é essa realizada por ambos os tipos de ocorrência de *tudoQ*, tentando descobrir se há uma diferenciação entre as operações de *tudoQ* e de *todo*.

### 3.2.3 Teste do escopo relativo

Mostraremos, nesta seção, um teste que criamos para diferenciar *tudoQ* de *todo*. O que buscamos compreender é se *tudoQ* é apenas uma variação de *todo* ou se podemos considerá-lo um outro quantificador universal do PB, que realizaria uma operação de quantificação diferente da operação realizada por *todo*.

Quando há mais de um sintagma quantificado em uma mesma sentença, é possível que essa sentença seja ambígua. Esse fenômeno é chamado de “escopo relativo”. Negrão (2003) explica que

quando dois sintagmas interagem numa mesma sentença, a interpretação de um pode depender da interpretação do outro, uma decorrência do fato de a interpretação da sentença com sintagmas quantificados depender da atribuição da propriedade expressa pelo predicado da sentença à quantidade de indivíduos por eles denotada.

Um exemplo de interpretação ambígua por causa da presença de dois sintagmas quantificados em uma mesma sentença é (79) abaixo:

(79) Todos os jornalistas entrevistaram uma artista.

Na sentença acima, temos dois sintagmas quantificados: *todo jornalista* e *uma artista*. A interpretação é ambígua: pode-se compreender que cada jornalista entrevistou uma artista ou que uma mesma artista foi entrevistada por todos os jornalistas. Essas duas interpretações possíveis para (79) podem ser traduzidas em duas formas lógicas, as quais expomos em (80) e (81) abaixo:

(80) Interpretação 1: Cada jornalista entrevistou uma artista.

Forma lógica:  $\forall x \exists y ((x \text{ é jornalista} \ \& \ y \text{ é artista}) \rightarrow x \text{ entrevistou } y)$

- (81) Interpretação 2: Uma mesma artista foi entrevistada por todos os jornalistas.

Forma lógica:  $\exists y \forall x ((x \text{ é jornalista} \& y \text{ é artista}) \rightarrow x \text{ entrevistou } y)$

Temos que, na primeira interpretação, expressa em (80), o operador  $\forall$  tem escopo sobre o operador  $\exists$ , fazendo com que a leitura seja distributiva, ou seja, os átomos da denotação de  $\exists$  são distribuídos entre os átomos da denotação de  $\forall$ . Na segunda interpretação, expressa em (81), o escopo é do operador  $\exists$  sobre o operador  $\forall$ , fazendo com que a leitura não seja distributiva, mas, como afirma Negrão (2003), seja uma “interpretação de pressuposição de existência”.

Esse fenômeno do escopo relativo nos pareceu um teste apropriado para descobrir uma diferença semântica sutil entre os quantificadores *tudoQ* e *todo*. Observemos (82) e (83) abaixo:

- (82) Os meninos todos comeram seis sandubas.

- (83) Os menino tudo comeu/comeram seis sanduba.

A sentença em (82) é ambígua, pois sua interpretação pode ser descrita por duas formas lógicas. Vejamos em (84) e (85) abaixo as duas interpretações possíveis para a sentença ambígua em (82):

- (84) Interpretação 1: Cada menino comeu seis sandubas.

Forma lógica:  $\forall x \exists y ((x \text{ é menino} \& y \text{ é seis sandubas}) \rightarrow x \text{ comeu } y)$

- (85) Interpretação 2: Seis sandubas foram comidos por todos os meninos.

Forma lógica:  $\exists y \forall x ((x \text{ é menino} \& y \text{ é seis sandubas}) \rightarrow x \text{ comeu } y)$

As paráfrases entre (82) e (83), entretanto, não são perfeitas, pois, se a sentença (82) é bastante ambígua, (83) parece ter uma leitura preferencial. A sentença contendo dois sintagmas quantificados, sendo um deles quantificado por *tudoQ*, tem a “interpretação de pressuposição de existência” emergindo antes da interpretação distributiva. A leitura de (83) parece

ser apenas uma: a leitura em que seis sandubas são comidos por todo o grupo de meninos, cuja forma lógica é como em (85), na qual o operador existencial tem escopo amplo sobre o operador universal.

Assim, temos que, enquanto *todo* pode tanto **distribuir** quanto **agrupar** os elementos denotados por sua restrição, *tudoQ* parece ter sempre a mesma função lógica de **agrupar** os átomos denotados pela restrição.<sup>11</sup>

#### 4 CONCLUSÃO

Este artigo fez uma descrição sobre os aspectos internos do quantificador *tudoQ*. Inicialmente, mostramos que *tudoQ* difere da acepção tradicional da palavra *tudo*. Indicamos a palavra *todo* como a melhor paráfrase para *tudoQ*. A partir dessa constatação e da percepção de que *tudoQ* parece ocorrer em contextos mais coloquiais, formulamos a pergunta que norteou nosso trabalho: seria *tudoQ* apenas uma variação diafásica do quantificador *todo* ou um outro quantificador do PB?

Apresentamos os dados que coletamos, a fim de mostrar as diversas ocorrências de *tudoQ* e a identificação dos dois grandes tipos de sentenças contendo o quantificador: as sentenças em que *tudoQ* opera sobre um DP plural e as sentenças em que ele opera sobre um nome nu. Partimos, afinal, para o núcleo de nosso trabalho: as descrições sintática e semântica. Selecioneamos alguns aspectos da sintaxe e da semântica do quantificador *tudoQ*, nas suas ocorrências “existencial” e “genérico”, que nos pareceram mais relevantes e interessantes para nossa descrição: flutuação de quantificadores, na descrição sintática; tipos de predicado e denotação, na descrição semântica. Com isso, pensamos ter cumprido o objetivo de descrever, sob um ponto de vista formal, a relação de *tudoQ* com o sistema do PB.

Quanto ao objetivo de descobrir se *tudoQ* é variação de *todo* ou um quantificador diferente, também acreditamos ter chegado a uma conclusão. A paráfrase com *todo* é quase sempre possível; entretanto, vimos que

<sup>11</sup> Para o teste do escopo relativo, comparamos *tudoQ* existencial a *todo* em sintagma do tipo TDPp, percebendo a sutil diferença semântica entre esses quantificadores. Vale dizer que *tudoQ* genérico e *todo* em sintagma do tipo TN também mantêm essa diferença semântica. Entretanto, não dispomos de um mecanismo objetivo como o teste do escopo relativo para comprová-la. Mas observemos, nos exemplos abaixo, como a sentença contendo *tudoQ* genérico parece apenas agrupar os átomos da restrição, tornando-a massiva, enquanto a sentença com *todo* TN parece distribuir, tornando os átomos visíveis:

- a. Menino é tudo chorão.
- b. Todo menino é chorão.

*tudoQ* difere de *todo* em alguns pontos. Sintaticamente, *tudoQ* difere de *todo* nos seguintes aspectos: *tudoQ* existencial, ao contrário de *todo* TDPP, nunca pode encabeçar o sintagma, apesar de poder sofrer flutuação; *tudoQ* genérico, assim como *todo* TN, é fixo em uma posição da sentença, mas a posição ocupada por *tudoQ* é após o verbo de ligação, enquanto a posição ocupada por *todo* é à esquerda do nome nu. Semanticamente, as denotações dos sintagmas quantificados por *tudoQ* existencial e *tudoQ* genérico são semelhantes, respectivamente, às denotações dos sintagmas TDPP e TN, mas os tipos de predicado diferem um pouco: *tudoQ* existencial pode ocorrer com predicados singulares (graças ao fenômeno da queda das marcações de plural no PB) e *todo* TDPP não pode; *tudoQ* genérico só ocorre com predicados contendo verbo de ligação e *todo* TN ocorre com todo tipo de verbo. Na tentativa de determinar uma diferença semântica definitiva entre *tudoQ* e *todo*, elaboramos o teste do escopo relativo. Com o teste, pudemos testar a diferença de sentido entre os dois quantificadores. Embora sutil, é possível enxergar a diferença: *tudoQ* agrupa os átomos da sua denotação, enquanto *todo* pode tanto agrupar quanto distribuir. Com isso, temos uma importante questão: uma mesma forma lógica simbólica é capaz de descrever as nuances de sentido das sentenças de uma língua natural? Temos que tanto *todo* quanto *tudoQ* são quantificadores universais do PB, e podem ambos ser expressos pelo símbolo lógico  $\forall$ . Entretanto, os testes que aplicamos mostraram que há entre os dois quantificadores diferenciações e nuances sutis que não são captadas pela forma lógica.

Assim, por apresentar características tanto sintáticas quanto semânticas que o diferem de *todo*, propomos que o quantificador *tudoQ* é um outro quantificador do PB, não apenas uma variante de *todo*. Com este trabalho, esperamos ter apresentado uma primeira descrição deste quantificador ainda carente de estudos no PB.

## RESUMO

O presente artigo trata da palavra *tudo* como quantificador no PB. Inicialmente uma expressão complexa, “tudo” comprehende em seu significado lógico um quantificador universal e uma restrição, podendo ser parafraseado com a expressão “todas as coisas”. Entretanto, dados do português brasileiro coloquial revelam um fenômeno interessante: “tudo” sendo usado como um quantificador universal puro, sem restrição inherente. É o caso da sentença “Eu comi os bolo tudo”, que não pode ser parafraseada com “\*Eu comi os bolos todas as coisas”, mas sim com “Eu comi os bolos todos”. Chamamos esse fenômeno de “tudoQ” e o individuamos como nosso objeto de estudo (ao

tudo “tradicional”, que contém uma restrição inerente, chamamos de “tudoI”). Este artigo relata a descrição que realizamos de aspectos sintáticos e semânticos do quantificador tudoQ.

## ABSTRACT

This article examines the word ‘*tudo*’ as a quantifier in Brazilian Portuguese. ‘*Tudo*’ is a complex expression, for it realizes a universal quantifier in its logical meaning, and its restriction. A possible paraphrase for ‘*tudo*’ is the expression ‘*todas as coisas*’. However, we have found an interesting phenomenon in BP: the word ‘*tudo*’ being used as a pure universal quantifier, without an inherent restriction. An example of this kind of occurrence is the sentence ‘*Eu comi os bolo tudo*’, which cannot be paraphrased by ‘\**Eu comi os bolos todas as coisas*’, but it can be paraphrased by ‘*Eu comi os bolos todos*’. We identify this phenomenon as “*tudoQ*” and it is the subject of our study (we call “*tudoI*” the established sense of *tudo*, which has an inherent restriction). This article provides a description of syntactic and semantic aspects of the quantifier *tudoQ*.

## REFERÊNCIAS

- CHIERCHIA, Gennaro. *Semântica*. Campinas: Unicamp, 2003.
- CIRÍACO, Larissa; CANÇADO, Márcia. Inacusatividade e inergatividade no PB. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, v. 46, n. 2, p. 207-225, jul./dez. 2004. No prelo.
- GOMES, Ana Paula Quadros. “*Todo*”, “*Cada*” e “*Qualquer*”: exigências sobre a denotação nominal e a verbal. São Paulo, 2004. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP.
- KATO, Mary; NASCIMENTO, Milton do. Preenchedores aspectuais e o fenômeno da flutuação de quantificadores. In: CASTILHO, Ataliba T. de. *Gramática do português falado*. Campinas: Unicamp/Fapesp, 1996. v. 4.
- MÜLLER, Ana Lúcia. A semântica do sintagma nominal. In: \_\_\_\_\_ et al. (Orgs.). *Semântica formal*. São Paulo: Contexto, 2003.
- \_\_\_\_\_. A expressão da genericidade nas línguas naturais. In: \_\_\_\_\_ et al. (Orgs.). *Semântica formal*. São Paulo: Contexto, 2003.
- NEGRÃO, Esmeralda Vailati. Forma lógica e quantificação. In: MÜLLER, Ana Lúcia. et al. (Orgs.). *Semântica formal*. São Paulo: Contexto, 2003.
- OLIVEIRA, Roberta Pires de. *Semântica formal*: uma breve introdução. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. O menino tá todo triste: uma reflexão sobre a quantificação universal no PB. *Revista Letras*, n. 61, p. 191-210, 2003.

VIOTTI, Evani. A composicionalidade nas sentenças com o verbo *ter*. In: MÜLLER, Ana Lúcia. et al. (Orgs.). *Semântica formal*. São Paulo: Contexto, 2003.